

Os pais comem frutas verdes e os dentes dos filhos ficam embotados? Considerações sobre o pecado em *Romance de família*, de Edna Mazya

Parents eat green fruits and the children's teeth are blunted? Considerations for the Sin in the novel by Edna Mazya family

Nancy Rozenchan*

Resumo: Entre outros livros de destaque dos anos recentes, a obra de Edna Mazya em boa parte também não aborda diretamente os principais eventos da II Guerra Mundial na Europa. Não obstante, esse é um pano de fundo fundamental de uma parcela considerável de *Romance de família*, mesmo quando os eventos que compõem a trama se desenvolvem na Palestina contemporânea à Guerra, ou em períodos posteriores, em Israel, ou de volta à Europa.

Palavras-chave: Literatura Israelense. Shoah. Ironia.

Abstract: Between other renowned books of the recent years, Edna Mazya's work largely doesn't directly approach the main events of the II World War in Europe. However, this is the background key of a big part of *Romance de família*, even when the events that are a part of the plot are developed in Palestine, by the time of the War, or even after it, in Israel or, again, in Europe.

Keywords: Israeli Literature. Shoah. Irony.

São muitas as vertentes da literatura hebraica contemporânea, compatíveis com as diversidades características de Israel. Nos sessenta anos desde a sua existência como país independente, a população do país mais do que decuplicou e, no decorrer desse período, os seus traços específicos tanto se intensificaram, tornando-se mais nítidos, como passaram a conviver com novas peculiaridades à medida que imigrantes de origens variadas se somaram aos que ali viviam há muito ou pouco tempo. Aos pioneiros que, desde o final do século 19, vieram construir o país e criar para si novas formas de vida e convivência, somaram-se sobreviventes de guerras e perseguições diversas, a exemplo dos que passaram pela II Guerra Mundial na Europa e que escaparam à Shoá, o holocausto dos judeus, refugiados provenientes de países árabes, ou que buscaram formas de poder expressar livremente o seu judaísmo, como foi o caso dos que vieram da Rússia ou da Etiópia. A literatura hebraica, como o faz desde o século 19 quando assumiu o papel de "espectador da Casa de Israel", continua a refletir sobre as vivências pelas quais passa a população, a expor em todos os momentos os variados panoramas da vida no país. Nestes últimos sessenta anos, além da história da construção da nação e lutas pela sobrevivência individual e coletiva, escritores dedicam-se, como nas diversas literaturas ocidentais, a temáticas contemporâneas tais como laicidade e religião, feminismo, diversidade sexual e outras. Contudo, dentre as diversas abordagens há uma que tem ocupado um espaço de maior destaque: é a literatura voltada para temáticas da Shoá.

Na Europa, em particular, a produção literária e filosófica abrangente sobre o tema continua a repercutir nas diversas culturas e o interessado brasileiro tem acesso a um número considerável de traduções. Esta temática foi desenvolvida por escritores sobreviventes, como foi o caso na ficção de Primo Levi, Imre Kertész, dentre outros, e Paul Celan, na poesia, para citar apenas nomes de autores muito conhecidos. Não menos importante é o trabalho de diversos pensadores que tratam em particular da memória, como Theodor Adorno, Pierre Vidal-Naquet, Pierre Nora, Giorgio Agamben e, no Brasil, Jeanne Marie Gagnebin, Marcio Seligmann-Silva, entre outros.

Os eventos da Shoá deram origem a um complicado discurso na literatura israelense. A literatura, que tinha estado, durante um largo período, preocupada com os temas da construção da nação israelense, foi subitamente compelida a buscar modos apropriados de resposta à destruição da diáspora, ou seja,

do judaísmo europeu, o que em números absolutos tinha significado que um terço do povo judeu tinha sido eliminado naquela guerra, como resultado de um projeto de genocídio programado. A dificuldade de abordar o indizível foi formulada desde o início pela noção promovida com forte intensidade pela população israelense de “um novo início” no país, que estabeleceu uma rígida “divisão ideológica” entre a vida judaica na diáspora e a desejável forma de vida dos pioneiros em Israel. Em muitas de suas declarações programáticas, políticos e escritores manifestaram uma tendência de incluir a catástrofe no processo triunfante do renascimento judaico em Israel. Mas, no correr dos anos, o discurso literário foi expondo de forma crescente o desconforto com o modo pelo qual a glorificação ideológica do país tinha procurado suplantar a dor e o luto pela destruição do judaísmo europeu. Poetas ofereceram aos sofridos sobreviventes consolo, regeneração e mesmo segurança por meio de seus versos. Houve autores que procuraram esclarecer os aspectos problemáticos destas hipóteses. Ao mesmo tempo, emerge em algumas obras a implausibilidade da integração destes sobreviventes no país. Ou, ainda, o choque ideológico e emocional inevitável entre nativos israelenses e sobreviventes da Europa.

A primeira geração dos sobreviventes em Israel – país em que a sua presença era mais notada - foi composta de pessoas que, em sua maioria, permaneceram caladas. Os motivos são vários, inclusive o desinteresse comum em relação ao que era percebido como negativo no caráter da nação que se queria forjar forte e positivo. O escritor Aharon Appelfeld, que, adolescente, chegou como sobrevivente-refugiado a Israel em 1946, escreveu a respeito daqueles primeiros anos “Tudo o que aconteceu durante os longos anos da guerra estava embutido em nós, silencioso e cego, uma massa opressiva de mistério, que não tinha conexão com a consciência.” (APPELFELD, p. 149) Este silêncio reinou durante a primeira década da existência de Israel. Os sobreviventes da Shoá tenderam a reprimir as suas experiências a fim de viver, de atuar. O crítico da literatura, Guershon Shaked, menciona que o escritor David Grossman perguntou como a segunda e a terceira gerações de sobreviventes, os herdeiros mentais e espirituais das ansiedades e traumas dos pais, puderam conviver e conviveram com um trauma que não foi para eles uma experiência pessoal, mas uma neurose herdada? O trauma não estava mais sendo reprimido ou expresso; ele tornou-se uma parte da que é denominada a subconsciência coletiva do grupo. (SHAKED, 1989, p. 314)

Dentro da arena cultural israelense, um grupo de autores geralmente denominado de segunda geração da Shoá (ainda que nem todos sejam os descendentes diretos de sobreviventes da Shoá) é o que mais tem se destacado como gerador da mudança cultural na direção de uma ênfase maior no testemunho privado e anteriormente silenciado dos sobreviventes. Desde o seu surgimento na cena pública em meados da década de oitenta do século passado, os escritores da segunda geração contribuíram significativamente ao corpus crescente da literatura israelense da Shoá. É preciso frisar que, em Israel, mesmo as parcelas da população que não tiveram uma vinculação direta ou indireta com estes eventos, sofrem a pressão desta temática, presente nos mais variados campos da vida do país, da educação à cultura, aos casos de assistência social. Portanto, é um assunto que afeta a população como um todo.

A literatura da segunda geração é indicativa das alterações nos processos psicossociais deste grupo e, em determinada escala, também do público amplo. Com base na premissa de que a literatura, como um mecanismo constituinte básico da cultura, está envolvida ativamente na polêmica sobre a sociedade israelense e a Shoá, ela demonstra que a história que a literatura narra e acentua é uma história de uma experiência autêntica de uma pesada carga de um passado que não encontra facilmente rotas de expressão. O próprio influxo das obras literárias proporciona realmente um palco e uma voz para as histórias não contadas, e funciona para manter a memória da Shoá e as suas questões básicas na consciência pública. Comprometidos com a articulação das memórias silenciadas, estes textos podem, por isto, ser considerados como constituindo por si próprios um verdadeiro retorno da voz. Não só eles mediam o processo de remover a barreira das memórias de traumas, eles

também manifestam um alto grau de consciência do processo de “dar voz ao vácuo”, em que participam ativamente.

O ressurgimento de um passado traumático nestas obras é uma experiência psicológica complicada. Constitui o conflito que gera o desenvolvimento da trama literária e, ao mesmo tempo, dificulta as chances dos protagonistas sobreviverem. Mesmo quando não abordam diretamente fatos relacionados à Shoá, as mais destacadas destas obras são bastante complexas e de resultados contundentes por conta de diversos aspectos: forma, estrutura e desenvolvimento da trama, forma da representação ou não dos eventos, tipos e personagens anti-heróicos ou alienados ou alijados ou desconectados da realidade, marginalizados, perdidos, em papel de destaque, terrível sensação de culpa, uma necessidade pessoal de lembrar e uma exigência social perceptível de esquecer o passado, a sensação de que estas figuras chegaram ao país por acidente, destruição de identidade anterior e rompimento da conexão com o passado, rupturas, tentativa de retorno ao sítio da ruptura, resgate e remodelação de histórias traumáticas e de relatos fragmentados, dentre outros. Vale mencionar aqui *Ver: Amor*, de David Grossman, obra de enorme sucesso editorial e de leitura em Israel, na Europa e de teatro e, em proporções compatíveis com o nosso mercado, também no Brasil.

Também deve ser citado o livro de Yoram Kaniuk, escrito há mais de quarenta anos, *A ressurreição de Adam Stein* ou *Adão, filho de cão*, conforme os nomes das duas traduções feitas no Brasil. A sua dramatização feita inicialmente no teatro israelense e levada também a outros palcos tem um marco de mais de uma década de sucesso; a versão cinematográfica, numa co-produção de diversos países, já foi premiada e está atualmente em cartaz em Israel. A par destes, há muitas obras escritas por Aharon Appelfeld, ele próprio sobrevivente, ao contrário dos dois mencionados há pouco, nativos do país. No livro de Grossman, a tentativa de entender os acontecimentos fica, em parte da obra, a cargo de uma criança e de sua visão particular. De um dos personagens principais, o velho tio-avô, deve-se mencionar a sua condição de sobrevivente cuja conduta está presa às terríveis experiências do passado, com situações repetidas *ad nauseam*. A obra de Kaniuk, por sua vez, centra-se em um ex-ator circense que sobreviveu submetido à categoria de cão e que, no presente, vive num sanatório de sobreviventes abilolados no deserto do Néguev. Personagens de Appelfeld também não compartilham necessariamente, em sua vida em Israel, de comportamentos ditos normais ou comuns. Na poesia, na obra de dois autores consagrados, ambos sobreviventes, Aba Kóvner e Dan Páguis, destacam-se, em Kóvner, a irmãzinha morta é figura viva na coletânea *Minha irmã é pequena*, e, em Páguis, personagens bíblicos do primeiro fratricídio, em que o poeta dá voz ao morto representando os que foram eliminados na Segunda Guerra.

Como diversos outros livros de destaque dos anos recentes, a obra de Edna Mazya em boa parte também não aborda diretamente os principais eventos da II Guerra Mundial na Europa. Não obstante, esse é um pano de fundo fundamental de uma parcela considerável do livro, mesmo quando os eventos que compõem a trama se desenvolvem na Palestina contemporânea à Guerra, ou em períodos posteriores, em Israel, ou de volta à Europa.

Edna Mazya nasceu em 1950 em Tel Aviv, é uma premiada dramaturga, escritora, roteirista e diretora de teatro. Já encenou várias peças de sucesso. Seu segundo romance – o livro que será aqui abordado –, *Roman mishpacht* ou *Romance de família*, lançado em 2005, baseou-se em sua peça *Sipur mishpachá* ou *História de família*, encenada a partir de 1997, grande sucesso de público e de crítica.

Naomi Keller, a narradora, uma israelense, descende de judeus austríacos, é uma editora, solteira de 47 anos, que na infância foi abandonada pelos pais reparadores do mundo: a mãe, comunista, parte de Israel na década de cinquenta para a União Soviética a fim de cuidar de órfãos de guerra. Pouco tempo depois, o pai, um comunista decepcionado, viaja para a África a fim de se juntar ao médico e missionário Albert Schweitzer e cuidar de africanos doentes. Nenhum dos dois, após o fracasso amoroso em seu relacionamento, se considera responsável para cuidar da própria família. Naomi

crece em Tel Aviv, criada pela avó Ruth Stein. Esta morre quando a neta está com 16 anos, de um ataque cardíaco. Ruth, a avó, é a personagem principal deste livro construído na forma de um romance dentro de um romance. Naomi Keller, que indica o desejo de se tornar escritora, como que escreve a obra com base nos diários da avó.

Lembrando que ela é solteira, Naomi Keller inicia a obra fazendo referência ao status do matrimônio; para ela, casamentos longos que também sejam felizes são tão raros quanto a neve no Egito. Assim, o seu relacionamento com o companheiro, Kirin, quase sempre chamado de “O Irlandês”, é o ideal. Ele, um diretor teatral, vive em Londres e encena peças em diversas cidades européias; ela, editora, vive em Tel Aviv; encontram-se algumas vezes por ano na Europa. A distância entre ambas as origens é ideal, cada um provém da outra extremidade em relação à Europa. As respectivas profissões indicam que vivem em universos afins, cujas bases são vidas hipotéticas representativas de realidades diversas.

Naomi não tem um parente sequer. Nos anos que antecedem os momentos iniciais do relato, ela mantém, além do romance citado, uma fraterna amizade com o vizinho homossexual, Tibi. Apenas estas duas pessoas compõem o seu universo. Tibi acaba desenvolvendo uma carreira literária. Uma ruptura quase irreparável se dá quando ele decide passar para uma editora de renome que o transforma num grande sucesso. É em meio a esta situação estremecida pelo afastamento do amigo que ela, ofendida, passa a analisar a própria vida e nota que a estrutura do seu relacionamento amoroso começa a mostrar sinais de abalo. Solitária, após quinze anos de encontros vinculados a estréias teatrais ou finais de temporada, ela toma a decisão de induzir o companheiro a um relacionamento mais consistente, que encerre talvez a esterilidade a que ela se submeteu. Parte para Viena, cidade ligada ao passado de sua família e que ela deliberadamente evitara – evitara tanto o passado como a cidade -, para um encontro fora de época com o Irlandês.

A caminho deste encontro, alguns traços de Naomi começam a se delinear. Em suas próprias palavras, como dizer ao companheiro, sem se sentir idiota e artificial, que se tornou necessitada e assustada, que não é mais capaz de agüentar sozinha as sensações que enfeiam a vida do modo como esta despencou sobre ela recentemente como um viajante oculto que irrompe num convés vazio (MAZYA, p. 13), a sensação de ser uma coitada, sem perspectiva, da raiva, do tédio que preenchem as brechas entre os medos, todas aquelas sensações que aparentemente ela nunca tivera. Como expor que entendeu, após uma profunda busca pessoal, que desistiu de gerar um filho não “como protesto contra a manifestação egoísta de trazer crianças a um mundo corrompido e irrecuperável”, como sempre lhe declamara, mas desistira da maternidade para se tornar a compactuante mais louvável que ele teve, a que não nasceu com a tendência vulgar de precisar se copiar e reproduzir?

Naomi, uma mulher pouco sentimental aparentemente, abomina a idéia de busca de raízes, mas quando chega a este ponto crucial de sua vida, ela, de forma inconsciente em relação a este aspecto, parte para Viena, na Áustria, e para Heidelberg, na Alemanha, onde se encontram as raízes da família; sente então também a necessidade de ler pela primeira vez os diários que a avó havia deixado. Por meio destes volumes esclarecer-se-ão para Naomi a sua infância e o passado familiar reprimidos com os quais até então ela não tinha desejado se defrontar.

Três temas são recorrentes no corpus literário relevante da literatura da segunda geração da Shoá. Estes temas, que constituem uma comunicação ambivalente e uma luta constante entre o dito e o não dito, são: a) a “vida após”, como uma experiência contínua de vazio e lacuna; b) a busca destrutiva do elo biográfico faltante; c) a rejeição contínua do passado recém-revelado como manifesto em contos de ocultação de segredo da segunda geração. Assim o corpus literário relevante é discutido como um ato de testemunhar um estado de existência em que forças contraditórias, agindo tanto em direção à repressão como em direção à articulação, estão sempre atuando.

A literatura de segunda geração é devotada principalmente a uma descrição da vida dos sobreviventes e suas famílias. Enfatiza de forma intensa tanto a ruptura como os fortes laços entre passado e presente. Com muita frequência os textos concentram-se em um momento crucial de aprofundamento do conhecimento, em que histórias latentes se tornam manifestas, e as memórias que foram previamente transmitidas por canais não verbais de comunicação são finalmente verbalizadas e articuladas. Os testemunhos assim produzidos são na realidade dados contra a vontade e escolha dos testemunhos, geralmente em um evento repentino, incontrolado de “retorno”. Inesperada e usualmente em resposta ao que parece ser um gatilho desencadeador arbitrário, os sobreviventes revelam seus traumas reprimidos. Uma história oculta é exposta; uma memória vitalmente detalhada dos eventos da Shoá ou do seu entorno vaza e engolfa tanto o narrador como os ouvintes.

O que precede este ato repentino de contar é um silêncio longo, penetrante e persistente. A era da repressão é recontada em retrospecto, muito freqüentemente como memórias da infância das personagens principais, que geralmente são filhos e filhas de sobreviventes. Um vácuo existencial é manifesto em cada aspecto da vida anterior e mais recente destas personagens.

A vida na sombra de segredos não revelados da família pode ter efeitos mais graves no seu bem estar que um confronto direto com seus conteúdos. O vácuo de testemunho dos pais cria nos filhos um sentimento contínuo de história de vida fragmentada, porosa e incoerente. O vácuo é posteriormente enfatizado na descrição da solidão dos protagonistas, assim como de suas pequenas famílias que não possuem círculos familiares amplos. Solidão e vazio são também um resultado de brechas incoerentes dentro da família nuclear dos sobreviventes. Sombras do passado causam estranhamento e alienação nas relações entre maridos e mulheres. Sombras do passado também distanciam pais de seus próprios filhos. Com base neste conjunto alienante de circunstâncias, a própria existência em Israel pode se tornar uma experiência dolorosa e não passível de reparos.

A ida de Naomi a Viena não pode e não será inócua. As sensações com a chegada ao país, a língua, as perguntas do taxista, a inevitabilidade da lembrança de que esta era a cidade natal da avó, a comida, são completadas pela peça *Anatol*, de Arthur Schnitzler, que o Irlandês está dirigindo, representativa da época da vida dos avós. Schnitzler, o autor, interessou-se por processos mentais, uma vez que ele era também médico, e a peça *Anatol* é uma amostra disto. A ambientação freqüente de suas obras foi o fim-de-século do império habsburgo, a sociedade frívola e suas mazelas, a artificialidade e o fingimento. O tema central da peça é um debate entre Anatol e um amigo sobre a questão de que um homem nunca pode saber com certeza se uma mulher lhe é ou não fiel. Todavia, o que sobressai sobremaneira é a infidelidade masculina. O que Elizabeth Roudinesco escreveu a respeito da obra de Schnitzler, que a morte, a sexualidade, a neurose, o monólogo interior, o desvelamento da alma, o suicídio formavam a trama do seu impressionismo literário, é válido igualmente para o universo dos antepassados de Naomi. À pergunta do por quê desta viagem, sem se dar conta que esta será uma resposta verdadeira e não só uma desculpa vã para substituir a resposta que era a busca de um rumo para a sua vida a ser proporcionado pelo companheiro, ela retruca que veio procurar as suas raízes. A resposta falsa/correta cumpre um papel desencadeador de uma mudança radical em sua vida que, de todo modo, ela não conseguiria fazer retornar à antiga trilha, pois as suas bases estavam solapadas, eram estruturalmente erodidas pelas suas circunstâncias de vida e pela indisposição reinante até então de alterá-la, pois o equilíbrio que a sustentava era demasiadamente tênue. Todo o passado que ela recusara conhecer fez dela uma pessoa que agora afunda no pântano que lhe foi legado. E mais, ela é intensamente provocada pelo Irlandês que a questiona para saber por que ela não tinha interesse em conhecer o passado.

Retornando à personagem principal, Ruth, a avó, a figura compatível com a temática deste evento. Ela não fora apenas a avó carinhosa e cuidadora que criara a neta. Na etapa anterior de sua vida, antes de se tornar uma figura benevolente e carinhosa, ela fora uma grande pecadora, mulher quase devassa, [não sei se se pode falar em “quase devassa”; devassa, é só] impulsiva, egoísta, tanto durante a época

em que vivera na Europa como posteriormente, no período inicial de sua vida na Palestina. Viena do início do século 20 tinha sido o seu cenário ideal; uma vida de fachada, o artificialismo da concepção burguesa vigente na capital austríaca, ao menos conforme representado no teatro e na literatura, encobrindo ou expondo, favorecia todo tipo de comportamento sem qualquer preocupação moral. Ruth não tinha levado uma vida de acordo com as normas familiares convencionais; desleixou os seus e particularmente a própria filha. Ela mesma não tinha passado por uma infância normal, a mãe tinha se suicidado, e toda a sua existência fora uma seqüência de tragédias, de modo que, para ela, a busca de emoções, traições, drogas, eram os meios de fugir do caráter trágico da vida. Casada, com uma filha – a mãe da narradora Naomi-, nada detinha Ruth de usufruir os prazeres com o amante, assistente do marido geneticista, seja nos cafés da moda ou em encontros fortuitos. Quando Robert, o amante, partiu para a Palestina, ela se empenhou em segui-lo. Não, ela não nutria sentimentos especiais em relação à nova terra onde a sua família se salvaria da matança da Europa. Hedonismo era a linha pela qual se conduzia. Também ao marido e a vários de outros familiares foram imputados pecados. Os eventuais não-pecadores morrem durante a Shoá.

“Pais comem frutas verdes e os dentes dos filhos ficam embotados?”, uma pergunta sugerida pelas citações dos profetas Ezequiel [18: 1-5] e Jeremias [31: 28-29], me soa como conveniente no contexto deste nosso evento ante o que ocorre no *Romance de família*, desde a paixão de Ruth até o desencanto com a vida da neta-narradora, Naomi, que tardiamente percebe que não concedeu à própria existência tudo aquilo de que poderia usufruir. A pergunta dos profetas, “pais comem frutas verdes e os dentes dos filhos ficam embotados?”, opõe-se em linguagem expressa metaforicamente ao caráter do que está escrito nos mandamentos bíblicos, já a partir do terceiro dos dez primeiros, os mais conhecidos, como consta em Êxodo 20: 4-6: “Não farás para ti imagem de escultura... não te prostrarás diante deles nem os servirás, pois Eu sou o Eterno, teu Deus, Deus zeloso, que cobro a iniquidade dos pais nos filhos, sobre terceiras e sobre quartas gerações aos que Me aborrecem, e faço misericórdia até 2.000 gerações aos que Me amam e aos que guardam Meus mandamentos.” E também em Êxodo 34: 5-7: “E o Eterno apareceu na nuvem e esteve com ele [referência a Moisés] ali, e Ele chamou em Nome do Eterno. E a Divina presença do Eterno passou diante dele e proclamou: Eterno, Eterno, Deus piedoso e misericordioso, tardio em irar-Se e grande em benignidades e vontade; que guarda benignidade para 2.000 gerações, que perdoa iniquidade, rebelião e pecado, e não livra o culpado que não faz penitência; cobra a iniquidade dos pais nos filhos e nos filhos dos filhos sobre terceiras e quartas gerações.” Mas, em Deuteronômio 24:16, lemos uma forma diversa: “Não se fará morrer os pais pelo testemunho dos filhos, nem os filhos pelo testemunho dos pais. Cada homem morrerá pelo seu pecado.”

Por se tratar aparentemente de uma contradição insolúvel, se há ou não punição do pecado dos pais nos filhos, muitos estudiosos se debruçaram sobre o tema. Destacamos, por exemplo, Maimônides [1135 - 1204], que declara: a medida “castigo o pecado dos pais nos filhos”, deve ser entendida, em geral, como uma medida de misericórdia: Deus não castiga os pecadores de imediato, mas concede aos seus filhos uma oportunidade de corrigir os seus atos até quatro gerações, e somente se quatro gerações seguidas continuam os atos pecaminosos de seus pais, então Deus castiga a quarta geração por todos os pecados acumulados. De acordo com isto, nos dez mandamentos a intenção é acentuar que Deus adia o castigo somente por quatro gerações e não mais; assim, se uma pessoa vê que seu pai e seu avô pecaram e não foram castigados, que não diga, “também eu farei o mesmo e nada me acontecerá”, pois é provável que ela já seja a quarta geração.

Uma outra possível tradução para o verbo *poked*, usado no versículo bíblico com o sentido de visita e, por extensão, cobra, castiga, é “leva em consideração”. Daí que o sentido do versículo é que Deus leva em consideração os pecados dos pais quando vai julgar os filhos. Entretanto, segundo a tradição de interpretação que se encontra na tradução de Unkelos [provavelmente século 1 ou 2] e no tratado *San'hedrin*, Deus castiga o pecado dos pais nos filhos pecadores, ou seja, se o filho continua os pecados dos pais, Deus o castiga pelo pecado dos pais, contudo, se o filho age adequadamente, Deus não o castiga pelo pecado dos pais. É uma explicação tradicional, mas não aceita amplamente, pois, como

diz o Ramban - Nachmânides [Rabi Moshê ben Nachman -1194-1270], “ o correto é que Deus castiga o pecado do pai nos filhos e os condena pelo pecado dos pais”, ou seja, que há uma certa responsabilidade além do indivíduo, uma responsabilidade de família. Assim, se o pai peca, o filho não tem como escapar ao castigo.

Por sua vez, a pergunta formulada pelos profetas faz parte da declaração de que chegará o dia em que filhos não serão punidos pelos pecados dos pais. A colocação feita em Ezequiel 18: 1-9 é totalmente promissora: “1- E a palavra do Eterno veio a mim, dizendo-me: 2- O que quereis dizer com esse provérbio que usais na terra de Israel dizendo: Os pais comeram frutas não maduras [cometeram pecados] e os dentes dos filhos ficaram embotados [os filhos foram punidos]? 3- Pela Minha vida – diz o Eterno Deus – que não tereis mais ocasião de empregar este provérbio em Israel. 4- Eis que todas as almas são Minhas, Como a alma do pai, assim também a alma do filho é Minha! A alma que pecar há de morrer! 5- Mas se um homem for justo e fizer o que é correto... 6- e não fornicar com a mulher do próximo... e fizer justiça com equidade ... – 9 ... e guardar os Meus preceitos verdadeiramente - é um homem justo e certamente viverá – diz o Eterno Deus.” Ou seja, Ezequiel não adia isto para o fim dos dias, mas diz que este é o modo de Deus já para hoje.

Mas aqui cumpre voltar à primeira declaração, do castigo divino às gerações seguintes à do pecador, citadas com tanta frequência, entendida no caso do romance. Maimônides acrescenta que Deus se restringe à quarta geração porque este é máximo que o ser humano pode ver de seus descendentes [*Guia dos Perplexos*, 127]. Assim, de acordo com Maimônides, a bíblia nos está prevenindo: nossas ações têm ramificações para nosso futuro previsível. Assim, se em algum momento o pecador se der conta dos seus atos, verá os seus filhos e netos sendo punidos. Se não tiver consciência do que fez, ao ver um descendente seu sofrendo, alguém que ele ama, talvez ainda possa analisar os seus próprios feitos e então entenderá que outros estão pagando por ele.

Costumamos discernir dois tipos de pecados, contra Deus e contra o próximo; ambos são tratados pela bíblia com a mesma medida de gravidade e santidade, conforme se lê em Levítico 19:18: “Não te vingará e nem guardarás ódio contra os filhos de teu povo, e amarás o teu próximo como a ti mesmo – Eu sou o Eterno!” Todo pecado é considerado no judaísmo como atingindo Deus, porque, de acordo com a concepção do judaísmo, a fonte de todas as leis e preceitos é Deus. Uma pessoa que peque pode corrigir os seus modos e caminhos, porque foi dotada do livre arbítrio e com a capacidade de arrependimento, e pode dominar a sua tendência de fazer o mal e escolher o bem. Mas é óbvio que muitas e muitas vezes isto não acontece, nem a pessoa corrige os seus modos e muito menos se arrepende.

Os pecados mais graves do judaísmo são os três “nãos” – não adorar ídolos, não cometer assassinato e não cometer adultério; portanto, idolatria, assassinato e adultério. São proibições puníveis com pena de morte. Um judeu não pode transgredir isto, mesmo se ele mesmo corre risco de morte. O adultério é mencionado em diversos locais na bíblia. O mais conhecido consta nos Dez mandamentos, Êxodo 20:13 e Deuteronômio 5:17 [e ainda em Êxodo, 20:14: “não cobiçarás a mulher do teu próximo”]. Rashi [1040 – 1105] interpreta que a expressão “Não adulterarás” ou “Não cometerás adultério” refere-se a relações sexuais com uma mulher casada com alguém outro, enquanto Ibn Ezra [1092 ou 1093–1167] e R. Avraham Hazkuni [século 17] divergem e consideram que é uma proibição total de relação entre duas pessoas que não formam um casal [não são casadas entre si] dos quais uma expressão é manter relações com uma mulher que é esposa de outro homem. O adultério é considerado no judaísmo uma das transgressões mais graves. Assim se expressa o livro de Provérbios 6: 27-29 em relação ao homem que toma a mulher de outro: “Pode um homem guardar uma brasa em sua camisa sem queimar suas roupas? Ou caminhar sobre brasas sem queimar seus pés? Assim acontece com o que se enreda com a mulher do próximo; não ficará impune quem a tocar.”

Apesar da punição prevista no texto bíblico de que as pessoas que praticam adultério serão castigadas com pena de morte, os mestres exigiam testemunhos muito confiáveis do pecado, de modo que a aplicação da pena se tornava praticamente impossível. Com o passar dos anos, o sentido do mandamento ampliou-se e corresponde a transgressões em geral no campo sexual, prostituição e luxúria e atos assemelhados.

A pena de morte consta em Levítico 20:10 “E o homem que cometer adultério com a mulher de outro homem, que adular com a mulher de seu próximo, certamente serão mortos – o adúltero e a adúltera.” Na literatura rabínica, quem pratica adultério somente com o olhar também é considerado adúltero. Dada a moderação exigida pela lei e a gravidade da pena para os adúlteros, aos juízes é vedado realizar dois julgamentos em um mesmo dia, mesmo que sejam de um adúltero e uma adúltera. E ainda, uma mulher que tenha praticado adultério voluntariamente, assim como passa a ser proibida para o marido, também o é para aquele com quem praticou o ato. Considera-se que a mulher que pratica adultério não ama os filhos.

A bela Ruth não terá de volta o amante; acabará sem marido também. Como uma das grandes punições, verá o ex-amante casar-se anos mais tarde com a sua filha. Mas jamais cessará o amor que ela sente por ele. A filha lhe nutre aversão; Ruth, por algum tempo, não consegue ter acesso à neta. Mais tarde, porém, filha e genro abandonarão a neta, por conta de passados traumáticos, da forte presença de um grande amor anterior que não pode ser extinto [de Robert e Ruth], por conta de vazios existenciais, vazio que a própria autora, em entrevista, definiu como sendo uma doença. Por uma grande ironia, Ruth precisará criar a filha do amante, sua neta, é verdade, uma criança que poderia ter sido sua filha caso ela tivesse gerado um filho com o amante. Ruth tampouco ficará com o marido, pois, após a guerra, ele esquecerá as humilhações sofridas na Alemanha e retornará para lá para um posto acadêmico, assim como para a amante alemã. O marido a traíra, o amante a traíra, a Alemanha a traíra, amigos alemães a traíram.

Em momento algum ocorre qualquer menção a arrependimento, que poderia ser uma promessa de redenção. Parece que isto só é compatível com o universo da bíblia e da religião. A punição tinha recaído sobre ela mesma e sobre Naomi. Afinal, como é que Ruth poderia se redimir? Deixar de amar? Pois isto foi o que de melhor ela soube fazer! Mas ela, sim, fez algo: além de criar a neta, escreve e dedica-lhe o diário onde consta o pecado, que é encoberto pelo grande amor que sentiu por Robert. Resulta que a escrita é uma forma de redenção. Em relação aos eventos da Shoá, foi o meio pelo qual pessoas mais ou menos dotadas de talentos literários puderam cumprir um papel primordial diante da catástrofe pessoal e coletiva, preservando a memória, registrando a história. Fizeram-no também historiadores e pensadores de várias categorias. Não era preciso que se tratasse de obra sobre as circunstâncias materiais relacionadas aos acontecimentos da guerra. A evocação da catástrofe pode ser apenas subentendida.

Quando procurara um psicólogo em Tel Aviv, antes de viajar, Naomi fora surpreendida por ter ele levantado questões referentes ao passado e mal ter se atido aos conflitos, dúvidas e dores presentes tanto em relação ao vizinho e sua amizade, quanto ao namorado distante. Ele tentou insistentemente conduzi-la ao passado, ao que definiu como “as suas fontes da sensação de orfandade” [p.18] que pareciam ter repentinamente entrado em ignição, que, talvez, segundo o profissional, “jamais tinham sido adequadamente trabalhadas”. Naomi não admitia para si e, naturalmente, nem para os outros, que o passado tinha algo a ver com suas incertezas e sofrimentos. A viagem a Viena, mais do que o motivo oficial que a levava àquela cidade – buscar uma mudança nas relações com o Irlandês e um sentido para a sua vida e o seu futuro – passa a solapar a sua autoconfiança. Vários pequenos-grandes eventos se somam para isto, cada um servindo para causar ferimentos menores ou maiores, dolorosos cada um por si e que fazem sangrar as feridas mal cicatrizadas do passado, até então insuspeitas. O clima instável da cidade com frio e chuva, encontrar-se falando alemão com as pessoas locais, uma guia de turismo que lhe recorda a avó originária daquela cidade, o adesivo amarelo do tour usado

para visitar o Palácio Schoenbrum que lhe lembra estrelas amarelas que os judeus foram obrigados a portar, a história do país, contada pela guia, em que os anos 30 – os anos de sua avó ali – não são citados, uma menininha com o pai que a lembra talvez de si própria, que poderia ter vivido em Viena, ou seria sua mãe na infância, a imponência das carruagens mesclada com o fedor dos excrementos dos belos cavalos a elas atrelados, o belo e o abominável juntos. A isto somou-se a claustrofobia entre o asséptico Museu Judaico e o hotel onde se recolheu devido à forte gripe que a acometeu. É quando ela toma consciência de aspectos do caráter do namorado, despercebidos até então, de egoísmo, de fugidio, frieza irônica, não comprometimento. Nesta altura, mesmo que ela ainda não se desse conta, não havia como fugir ao conflito presente e nem desprezar o trauma do passado.

Um outro pífio motivo concreto para a viagem, um encontro para a assinatura de contrato de publicação de um livro de um autor vienense, conduz a uma inesperada introspecção que vai indicar que, por menos que o deseje, é no passado que se encontra a chave para o entendimento de sua vida, ou melhor, conforme as suas palavras, do que restou dela, algo que podemos entender como uma semi-pena de morte, tanto pelo pecado dos pais como da avó. O encontro com o ríspido escritor que manifesta traços de anti-semitismo e uma posição abjeta em relação à vida, acaba num rápido diálogo que vai apontar que a busca de Naomi pelo que a perturba se torna explícita. Quando ela pede a conta no café em que se encontraram: "Ele olha para mim espantado como se me avistasse pela primeira vez, "Para onde você está indo com tanta pressa?" / "Para a minha vida", respondo, ainda no meu tom simpático, "sobraram-me alguns restos dela e eu estou tentando localizá-los." / Ele olha para mim sem piscar e pergunta em tom prático, "Onde é que você os deixou?" / "Não tenho idéia". / "Então como saberá onde procurá-los?" / "Vou pensar em algo. Até logo. O encontro consigo foi muito inspirador em todos os sentidos". [p. 44]

A continuação da conversa se dá no dia seguinte. Ele liga para o hotel e a acorda: "Como vão os restos de sua vida?" pergunta uma voz irada. / "Como vai, Herr Bechler?", digo roucamente. / "Você os encontrou?" / "Ainda não, mas eles estão vindo a mim."

Naomi é a quarta geração; sua bisavó tinha se suicidado, a avó tivera um amante, seu pai pecara ao se relacionar com a avó, adúltera. A chance de Naomi é a última. Se não retomar a sua vida, recairão sobre ela as punições de seus antecessores. Em Viena, pela primeira vez, ela considera que tinha ignorado o pedido da avó de ler os diários. O pedido da avó – a única pessoa que a amara – uma espécie de testamento, não tinha sido cumprido.

Em Heidelberg, etapa seguinte de sua viagem, Naomi já sabe que o companheiro se interessa agora por uma nova atriz, conforme o modelo da peça *A gaivota* que ele está montando, e não mais por ela. Naomi deixa o Irlandês sem avisá-lo e nem se despedir dele. Foi a leitura dos diários da avó que a alertou sobre a areia movediça em que se encontrava. É aí que ela percebe que o egocentrismo do Irlandês é semelhante ao do seu pai. Talvez por isto a avó tinha desejado que lesse os seus escritos, para que conhecesse o pai de forma íntima, para que percebesse que ela mesma, Naomi, era produto de uma psicologia gasta, de modo que escolhera o companheiro à imagem do pai que a abandonara, para preveni-la contra companheiros cujo encanto consistia em serem inatingíveis. Em continuação, ela pergunta hipoteticamente à avó, o que deveria fazer: falar com o Irlandês sobre uma vida em comum, como planejara, ou talvez continuar a usufruir modestamente do que ele era capaz de propor ou, como a avó sempre fizera, talvez ela lhe indicaria indiretamente que devia abandoná-lo. Naomi opta por partir. Ainda na Alemanha, põe-se a ler o livro de autoria do vizinho-ex-amigo; um livro sempre pode ter uma mensagem redentora; uma de suas últimas frases é que não convém procurar por uma sepultura, pois nunca se desvendará o enigma dos mortos. Assim ela começa a recompor o seu mundo. Naomi parte de volta para Israel; ali, finalmente, escreverá o livro ansiado, baseado nos diários da avó Ruth, com a história da família desde os antecessores da avó até a sua própria infância. A história passou-se na Áustria, Alemanha, na antiga Palestina e em Israel. O fundo histórico é a

Europa antes e durante a Segunda Guerra e o que se passou com os judeus em território europeu é um tema implícito; subjaz a vida da família.

Além da própria escrita/transcrição/tradução dos diários da avó, Naomi traça um único comentário a respeito do aprendizado que a leitura lhe proporcionou, uma verdadeira catarse, um retorno à consciência da lembrança recalcada ou desconhecida, com a correspondente carga afetiva. Foi adentrando o torvelinho das paixões descritas que ela passou a entender o que estes sentimentos representaram para a avó e, conseqüentemente, para ela mesma. A conceituação de trauma presta-se a delinear o status de Naomi: o trauma seria uma imposição ao indivíduo por diferentes meios de violência, de uma realidade psíquica alheia, desconhecida de seus próprios sentimentos, necessidades e percepções. Uma pessoa tem a capacidade de deformar ou distorcer a própria realidade psíquica, não apenas no início da vida, mas no decorrer de toda a existência. Naomi recebe os fragmentos de uma história já completada com a qual não pode interagir. Pelo viés pecado/punição/redenção, assumir uma nova atitude é o caminho para a salvação.

Após a leitura e os anos de escrita do livro, para Naomi a raiva passou, restou a dor, principalmente porque com o amadurecimento rápido causado pela leitura dos diários, ela era capaz de compreender a profundidade da perda da oportunidade no amor entre a avó e o pai. As páginas sofridas da avó são um testemunho de que o amor de Ruth por Robert jamais arrefeceu [p. 408-409]. Naomi foi filha e neta simultaneamente. Pois Ruth foi avó e mãe. Tendo sido amante de Robert quase poderia ter sido a mãe biológica de Naomi. A proximidade com o livro bíblico de Ruth não é casual. Aqui Ruth somente deixa Naomi quando esta toma consciência de sua história. A conclusão de Naomi é: “não há culpados nesta história, apenas feridos” [p.409]. A pena de morte foi abolida; mas os dentes ficaram irremediavelmente embotados.

A leitura dos diários, mais do que tudo sugerida possivelmente pela lembrança do grande amor da avó, ao mostrar o trauma maior de sua vida, levará à escrita. A experiência da retomada de suas origens, dores, humilhações, assim como as de seus antecessores familiares, transcende a sua capacidade de integrá-las e elaborá-las em sua própria vida; Naomi somente poderá apresentá-las pelo livro que escreverá. Nestas circunstâncias, é a arte, em suas diversas formas de expressão, a melhor forma de expor a verdade humana. O discurso será o lugar do desejo, em que ela tentou preencher uma falta primitiva constitutiva do seu ser. Aliás, são duas escritas, a escrita dos diários pela avó e a tarefa de ressignificação da vida pela reescrita/tradução elaborada por Naomi.

O que ocorre nesse microcosmo de Naomi deve ser igualmente entendido no macrocosmo israelense. Coube à literatura pôr fim ao silêncio relacionado ao trauma da Shoá, denunciá-lo, dar-lhe forma para que a identidade israelense, ao reconhecer as falhas causadas pelo trauma acumulado, possa encontrar forças para, de algum modo, superá-las e se reestruturar buscando construir-se a partir de novas forças que devem ser desenvolvidas.

* **Nancy Rozenchan** é Professora Livre Docente da USP, ensaísta e tradutora.

Referências

- APPELFELD, Aharon. The Awakening. In: HARTMAN, Geoffrey H., ed. *Holocaust Remembrance: The Shapes of Memory*. Cambridge, MA, Blackwell Publishers, 1994, p. 149.
- MAZYA, Edna. *Roman mishpachti* (Romance de família). Tel Aviv, Késhet, 2005.
- MILNER, Iris. A Testimony to 'The War After': Remembrance and its Discontent in Second Generation Literature. *Israel Studies*, vol. 8, n? 3, outono 2003.

RAT, Riki. Entrevista e reportagem. *Makorrishon*, Tel Aviv, 8/7/06. Disponível em: <<http://www.makorrishon.co.il/show.asp?id=8600>>. Acesso em 12/10/2008.

ROUDINESCO, Elizabeth e PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 691.

SHAKED, Gershon. The Children of the Heart and the Monster: David Grossman: *See Under: Love*, A Review Essay. *Modern Judaism*, 9 (3) outubro 1989, p. 314.